

## A importância da divulgação científica em tempos de anticiência

**Nívia Maria Santos Silva<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT), Campus XXIV. Xique-Xique, BA, Brasil.

Autor correspondente: Nívia Maria Santos Silva  
E-mail: nmssilva@uneb.br

O Patrono da Educação do Brasil, Paulo Freire, alertou-nos, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, que “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”<sup>1</sup>. Recentemente, no entanto, acompanhamos pelos jornais a aprovação do Orçamento de 2022, sancionado pelo Governo Federal, com cortes de verbas que atingiram fortemente o Ministério da Educação e o Ministério da Ciência e Tecnologia, prejudicando diretamente o ensino e a pesquisa científica.

Cortes nas áreas de educação, ciência e tecnologia também são realizados pelos governos estaduais sistematicamente. Na realidade, eles sempre ocorreram, mas, de 2016 para cá, tornaram-se mais graves diante de um contexto em que o negacionismo científico passa por um processo de institucionalização. Esse obscurantismo intelectual teima em deslegitimar o método científico e seus resultados em prol de interesses ideológicos e é instrumentalizado por muitos em busca de benefícios tanto políticos quanto econômicos, ainda que tais ações potencializem danos sociais. Isso pode ser notado no próprio enfrentamento da pandemia da Covid-19, pela qual ainda estamos passando, pois, devido à desinformação propagada por negacionistas, ela se tornou ainda mais letal e de difícil controle.

Com o novo orçamento federal, a situação ficou tão crítica que o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) teve uma perda de quase 10 milhões de reais. Reduções de verbas públicas como essa comprometem os programas de pesquisa, a oferta de bolsas e, consequentemente, a formação e o aperfeiçoamento de novos pesquisadores nas universidades brasileiras, sejam elas públicas (federais, estaduais ou municipais) ou privadas. Além disso, gera desinteresse pelo conhecimento científico e estimula a chamada fuga de cérebros, ou seja, uma emigração de capital humano especializado para fora do Brasil.

Em frente desse cenário de desvalorização do ensino e da pesquisa e da disseminação de fake news anticiência, intensamente distribuídas pelas redes, inclusive por redes oficiais, torna-se ainda mais imperativa a importância da divulgação científica, a qual não deve circular apenas dentro da própria academia, e

<sup>1</sup>FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Ed. Paz e Terra, 2011. p. 24. E-book.



sim ir ao encontro da sociedade. Para essa missão de divulgar e compartilhar conhecimentos científicos, as revistas científicas são imprescindíveis.

A socialização da pesquisa por meio de publicações impressas ou eletrônicas é importante também para o próprio pesquisador, que poderá, em várias etapas de seu trabalho, abrir-se a colaborações, a atualizações e até mesmo ao contraditório. Está aí a grande diferença entre ciência e negacionismo: a ciência não lida com nada em definitivo, ela é dinâmica e se realiza a partir do diálogo entre conhecimentos estabelecidos, abertos a refutações e fundados em métodos científicos, enquanto que as crenças negacionistas não admitem contestação, amparam-se em espécies de verdades absolutas a partir daquilo em que acreditam determinados grupos ou do que é conveniente a seus interesses, e não daquilo que, de fato, conhecem.

Por isso, consciente da responsabilidade que tem diante da conjuntura apresentada e imbuída de um compromisso com a ciência e com a sociedade, a Revista Sertão Sustentável (RSS), mesmo diante de tantas dificuldades, entra em seu quarto ano, lançando uma nova edição (vol. 4, n.1, 2022). Ela integra o Programa de Pós-Graduação (Latu Sensu) em Educação Ambiental, Biodiversidade e Cultura Regional (UNEB, DCHT XXVI) e, com publicações atentas às demandas da região do sertão nordestino, apresenta notas científicas, artigos de revisão e artigos completos produzidos por professores e estudantes de diversas áreas, trabalhos resultantes da importante interação entre ensino, pesquisa e extensão.

Só uma popularização do conhecimento científico que dê acesso ao que é produzido dentro das universidades será capaz de mostrar a todos a relação direta entre ciência, tecnologia e desenvolvimento social e tornar conhecidos os impactos das pesquisas científicas diretamente no cotidiano das pessoas, mostrando como o dinheiro investido em programas e bolsas de pesquisa e em publicações científicas voltam para a sociedade, melhorando sua qualidade de vida por meio de inovações e descobertas.

Tornar essa relação conhecida, não apenas ajuda na democratização dos saberes e na comprovação à sociedade de que melhorias são possíveis, como também pode contribuir para uma maior mobilização social em defesa de investimentos públicos adequados para o fomento do ensino e da pesquisa de qualidade. Sem sair dos muros da universidade e alcançar a população em geral, a ciência corre risco de continuar a ter suas conquistas invisibilizadas e, infelizmente, substituídas por achismos. Vale lembrar do que já nos avisava Hipócrates, desde o século V a.C.: “Há verdadeiramente duas coisas diferentes: saber e crer que se sabe. A ciência consiste em saber; em crer que se sabe reside a ignorância.”<sup>2</sup>. A Revista Sertão Sustentável espera estar colaborando para que esta última não impere. Boa leitura!

<sup>2</sup>HIPÓCRATES. *Aforismos y sentencias*. Califórnia, EUA: Ed. Createspace Independent Publishing Platform, 2016. p. 6. E-book.